

# A LIVRARIA GARNIER E A HISTÓRIA DOS LIVROS INFANTIS NO BRASIL – GÊNESE E FORMAÇÃO DE UM CAMPO LITERÁRIO (1858 – 1920)

---

*Andréa Borges Leão*

## **Resumo**

O artigo analisa as coleções para crianças e jovens apresentadas nos catálogos de venda da livraria carioca de Baptiste-Louis Garnier para o ano de 1858, e de seus sucessores, para 1920. Como modelo da política de exportação da indústria editorial francesa e, com isso, de formação do patrimônio de obras necessário ao desenvolvimento de nosso comércio livreiro e autonomia literária, os Garnier apostaram na longevidade do gênero "clássicos infantis", reeditando-os e adaptando-os, o que demonstra uma intrincada rede de relações entre sua filial latino-americana e a matriz francesa, bem como os efeitos de um trabalho de formação do gosto literário das crianças e jovens brasileiros.

**Palavras-Chave:** História editorial; literatura infantil; coleções infantis e juvenis; comércio livreiro

## GARNIER BOOKSHOP AND THE HISTORY OF THE BOOKS FOR CHILDREN IN BRAZIL – GENESIS AND DEVELOPMENT OF A LITERARY FIELD

### **Abstract**

This paper analysis the collections of books for children and youths found in the catalogues of Baptiste-Louis Garnier bookshop in the year of 1858, and further collections, with new editors, until the year of 1920. Being a model of the French polices for the editorial market, and in an attempt of developing the Brazilian literary market, the Garnier bookshop invested in the classic books for children, re-editing and adapting them. Such behavior shows an intricate relationship between the Latin-American branch and its French main office as well as the way their polices influenced the literary taste of children and youths in Brazil.

**Keywords:** editorial history; children literature; children and youths collections; bookshops

LA LIBRERÍA GARNIER Y LA HISTORIA DE LOS  
LIBROS PARA NIÑOS EN BRASIL – GÉNESIS Y  
FORMACIÓN DE UN CAMPO LITERARIO (1858 – 1920)

**Resumen**

El texto analiza las colecciones para niños y jóvenes presentadas en los catálogos de venta de la librería carioca de Baptiste-Louis Garnier para el año de 1858, y de sus sucesores, para 1920. Como modelo de la política de exportación de la industria editorial francesa y, con eso, de formación del patrimonio de obras necesario al desarrollo de nuestro comercio librero y autonomía literaria, los Garnier apostaron en la longevidad del género “clásicos infantiles”, reeditándolos y adaptándolos, lo que demuestra una intrincada red de relaciones entre su filial latino-americana y la matriz francesa, bien como los efectos de un trabajo de formación del gusto literario de los niños y jóvenes brasileños.

**Palabras-clave:** Historia editorial; literatura infantil; colecciones infantiles y juveniles; comercio librero.

## Primeiras robinsonadas

A história cultural dos livros infantis descreve movimentos de continuidade e ruptura entre matrizes classificadas ora como populares, ora como eruditas, pedagógicas e literárias. Nas suas origens, muitos dos textos literários hoje clássicos podiam ser endereçados tanto às crianças como aos adultos, ficando a diferença marcada pelas práticas culturais, os modos de representação e apropriação, que, por sua vez, causam efeitos de longa duração. Há obras que permanecem no tempo, tonam-se por longos anos grandes sucessos de livraria, adquirindo novos sentidos na passagem de um público a outro. Nesse processo, as intervenções editoriais ousam ir muito longe. Fica a cargo delas o estabelecimento de códigos de recepção dos textos, porque são as edições que organizam as obras em classes de gêneros e temas, recomendando leituras para cada idade. A questão dos critérios de adaptação ao público infantil, o teor de moralidade e aborrecimento das narrativas, suas razões pedagógicas e tudo o mais que vem acompanhando a história da produção literária infantil ganha consistência maior quando se consideram as configurações culturais nas quais se produzem os textos. A partir daí, outras funções são atribuídas ao editor: o controle das publicações a fim de guiar os leitores nas maneiras de ler; a construção de uma ordem dos textos reunindo-os em coleções e bibliotecas; a organização de um patrimônio de obras que permita a invenção da história do gênero.

Sendo assim, o projeto da livraria francesa para a formação dos jovens leitores brasileiros, a partir de meados do século XIX, exprime a vocação exportadora do mercado do livro francês como um todo e, em conseqüência, o intenso movimento das trocas culturais iniciado pela circulação internacional dos textos. As operações de exportação do livro, aliadas a uma política de distribuição baseada na disseminação de pontos de venda pela

América Latina, ensejaram a transferência de capital literário para os países de produção ainda incipiente. No caso específico do Brasil, o que poderia ser um projeto de colonização cultural, de pura e simples imposição de bens de consumo, permitiu o acúmulo de capital simbólico necessário à autonomização da literatura nacional, já em vias de constituição.

Na produção cultural infantil, o francês Baptiste-Louis Garnier, que migrara para a Corte do Rio de Janeiro, em 1844, foi personagem decisivo. Esse comerciante de origem normanda investiu no trabalho de difusão de obras clássicas européias, já de largo sucesso comercial em seus países de origem, apostando na durabilidade de diversos gêneros, vendendo, editando e reeditando por longos anos contos de fadas, literatura de viagens, fábulas, biografias de vidas exemplares, tratados de educação e coleções de obras cristãs. E não apenas para o leitor juvenil. Figueiredo Pimentel, Olavo Bilac, Coelho Neto e Júlia Lopes de Almeida, pioneiros na escrita, tradução e adaptação de textos de ficção para crianças, certamente demandavam em seus trabalhos o acesso às histórias do patrimônio literário universal constituído nos séculos precedentes, como os famosos contos de Perrault, as Aventuras de Robinson Crusóé, de Daniel De Foe, o célebre Télémaque, de Fénelon, ou romances fontes tal Paulo e Virgínia, de Bernardin de Saint-Pierre, todas obras importadas e vendidas pelos livreiros franceses radicados no Rio de Janeiro. A crônica da história intelectual brasileira não se cansa de lembrar que a livraria Garnier foi palco de animadas reuniões e encontros literários e todos para lá acorriam em busca de novidades.

A instalação da livraria francesa no Brasil trouxe ainda a ampliação da oferta das obras e coleções dos grandes nomes da literatura adulta universal, como, por exemplo, a popularização de autores do romantismo francês, que de outro modo não seriam, ou seriam menos facilmente, conhecidos. A literatura mais admirada do mundo era produzida em Paris. A venda de livros importados também possibilitou, para a livraria Garnier, a acumulação

primitiva do capital econômico para a impressão da literatura nacional.

Somente no final do século XIX é que são feitas as traduções para o português dos títulos mais importantes, a exemplo das edições populares da obra de Júlio Verne, testemunhas do bom negócio que o Garnier do Brasil fazia com a casa Hetzel, de Paris. Posteriormente, essas obras são adaptadas ao gosto dos jovens leitores brasileiros e passam a ser produzidas no Brasil e circular em várias edições até os anos de 1930. Ao mesmo tempo em que contratavam o trabalho de autores-tradutores, os próprios livreiros se lançavam na tarefa de adaptação dos textos, intervindo nas narrativas, alterando passagens, enfim, tomando precauções contra o que entendiam ser "o envelhecimento do estilo" de autores já caídos, nas portas do novo século XX, em domínio público. Essa foi a função desempenhada pelos Garnier, de Paris. Nas obras traduzidas pelo selo, destaca-se a coleção do Cônego Schmid, um autor alemão muito lido e publicado nas bibliotecas de formação moral e cristã das mais famosas casas editoras da província. O primeiro tradutor do Cônego no Brasil foi Nuno Álvares.

A justa compreensão da formação da literatura infantil brasileira, com os jogos textuais de instrução e diversão, ilusão e aconselhamento moral, deste modo, deve partir da historicidade das práticas comerciais e dos processos a partir dos quais esses textos ganham publicidade. As relações de interdependência entre os produtores - autores, livreiros-editores, críticos literários e leitores - ainda que tensas, estão na base do processo de construção dos significados e valores dados às obras, em cada conjuntura específica. Isto torna-se ainda mais interessante quando envolve as trocas internacionais. Início, então, pela trajetória comercial dos irmãos Garnier, de sua política para o livro infantil no Brasil e da publicação das Bibliotecas da Juventude nos catálogos de vendas de 1857-58 e 1920 da Livraria de Baptiste-Louis Garnier da Rua do Ouvidor. Chamo essas iniciativas de "primeiras robinsonadas", visto que todo colono

empreendedor no domínio cultural tem um pouco do personagem Robinson Crusóé. Todo país estrangeiro é uma ilha deserta. O romance fonte de De Foe, uma narrativa de louvor ao mérito, ao trabalho e à astúcia individual face às dificuldades da natureza, traz as marcas de um estilo de vida e bem ilustra os lances dos heróis livreiros nos primeiros tempos da edição no Brasil. Não por acaso esses estrangeiros devotavam tanto gosto pelas histórias de viagens e vidas de viajantes. Resta uma questão sem resposta: quais as razões íntimas de uma partida? Mas, nem todas as viagens são feitas de naufrágios e a livraria francesa logrou fincar raízes no Brasil.

Em seguida, observo o sistema de organização e classificação interna dos catálogos, as relações das obras entre si e os esforços de sistematização dos textos em diversos gêneros editoriais. Estabeleço comentários sobre o regime da produção editorial tanto para o público francês quanto brasileiro, incluindo a análise da produção de textos de narrativas morais que elegem o Brasil como tema. Em um autêntico processo de troca cultural, enquanto a livraria francesa se instalava no Brasil, o Brasil era feito objeto da produção literária na França. As diferenças que suscitam esses país tropical, com seu labirinto de florestas, índios antropófagos e escravos negros, conquistam lugar privilegiado em novas operações escriturárias.

## **O bom negócio dos Garnier Frères: exportação de livros eróticos e religiosos**

De início, afasto a hipótese que encerra a história da livraria francesa no Brasil como mera ação colonialista. Não foi uma pura concessão ao consumo de produtos importados, marca do gosto de um público burguês sedento por novidades européias, que orientou a partida do irmão mais novo, Baptiste-Louis, para difundir o livro francês na América Latina. Para que esse normando viesse a se tornar, no Brasil, o "inventor da literatura

nacional" (Mollier, 1999), o primeiro a remunerar os escritores<sup>1</sup> e, com isso, ilustrasse a dinâmica difusora de modelos da edição francesa no séc. XIX, os outros irmãos Garnier necessitaram trilhar os primeiros passos de um longo e acidentado percurso comercial em Paris. O primeiro da família a chegar à capital foi Auguste-Désiré, em 1824<sup>2</sup>, vindo de Lingreville, uma pequena cidade da Baixa Normandia. Com pouco tempo, seguem-no os outros três irmãos, François Hippolyte, Pierre-Auguste e Baptiste-Louis. Hippolyte, Auguste e Pierre conseguem a autorização, para cada um, do exercício da profissão de livreiro. Baptiste-Louis parte para o Rio de Janeiro, em 1844, abrindo sua loja na Rua do Ouvidor.

Até a compra do prédio para a livraria parisiense no endereço mais *chic* da capital - as galerias do *Palais-Royal* -, em 1837, os três enfrentam muitas dificuldades. O acervo da casa, uma sociedade entre Auguste e Hippolyte, foi sendo formado pouco a pouco e com muito senso de oportunidade. Os dois irmãos adquirem os direitos de venda de outras casas editoras, bem como os fundos comerciais dos que abriam falência e liquidavam todo o estoque. Esses fundos compreendem o mobiliário, os livros e todas as propriedades literárias<sup>3</sup>, que são os direitos sobre obras,

---

<sup>1</sup> Mesmo que através da compra definitiva da propriedade da obra de um escritor. Sobre o teor dos contratos literários da casa carioca, ver: Lajolo, Marisa e Zilberman, Regina. O preço da leitura. Leis e números por detrás das letras. São Paulo, Ática, 2001.

<sup>2</sup> De acordo com o documento: *Portraits de Libraires – la famille des Garnier. Extrait du Bulletin de L'Association. Assinado por H.C, libraire-expert au Tribunal de la Seine. Paris, impr. A. Fleury, 1913.*

<sup>3</sup> Compreendemos muito bem o que significa, no meado do século XIX, a compra dos fundos comerciais de uma livraria em falência quando examinamos os respectivos contratos. Exemplo de uma grande disputa entre livreiros em torno da propriedade da obra do Conde de Ségur, um escritor católico do século XIX, encontramos nos documentos de compra dos fundos comerciais de M. Cartot e M. Eymery, que decretam falência em 1830, pelos livreiros-impressores MM Fruger et Brunet, em 1831.

às vezes, de grandes autores. Em 1841, os Garnier adquirem os fundos do editor Delloy, e em 1849, os de Salvat. Com esse, abrem a livraria espanhola Garnier Hermanos. Em seguida, vão enriquecendo seus catálogos com a edição literária própria, de manuais escolares e dicionários. Nesse período, mudam-se para a Rua de Saints-Pères, endereço conhecido dos leitores brasileiros, porque constava na folha de rosto dos livros vendidos na filial carioca. Essas estratégias se acompanhavam da busca de outras fontes de acumulação de capital, como o investimento em ações da bolsa de valores e a compra de imóveis situados nos mais valorizados *boulevards*.

Comprar ações da "caminho de ferro" possibilitava dinheiro vivo nas mãos, mas o melhor negócio dos Garnier foi a venda e exportação de livros e estampas pornográficas. O bom negócio do livro obsceno resultou tão importante e lucrativo quanto o acúmulo de capital social de relações representado pela frequência dos escritores românticos em animadas reuniões na livraria do *Palais-Royal*. Mesmo que as estampas fossem impressas nas tipografias da periferia e vendidas nos esconderijos da loja, foi preciso enfrentar a vigilância policial, censura, multas e ameaças de prisão, em especial Pierre-Auguste, que acabou se especializando no ramo. Segundo Jean-Yves Mollier, dos três irmãos, Baptiste-Louis foi o escolhido para difundir o comércio ilícito na América Latina. A difusão internacional desses livros acompanhava-se dos melhores romances de Alexandre Dumas, Victor Hugo, George Sande, Balzac, assim como essa literatura de última novidade acompanhava-se dos livros de artes militares, religião, filosofia, direito, política, entre outros gêneros e outras línguas, como alemão, italiano, inglês, espanhol, grego e latim.

Outra grande aquisição dos irmãos Garnier foi a editora do abade Migne, famosa pela produção de livros de grande erudição em história e teologia. Isto porque para construir seu império mercantil e a rede de difusão internacional, os livreiros parisienses necessitaram, sobretudo, da exportação de livros religiosos, que formavam as coleções de leituras espirituais e se



compunham de catecismos, manuais de práticas piedosas, Bíblias e livros de primeira comunhão, endereçadas ao consumo popular, mas também de uma literatura de alto nível, edificante e moral, com exercícios de estilo, destinada a um público mais cultivado e que sabia escrever. Havia uma atenção especial em oferecer livros piedosos às crianças e jovens francesas e brasileiras. As bibliotecas de livros infantis traziam leituras destinadas à interiorização de regras religiosas, à formação da alma e à educação para a devoção. Na França, a Igreja Católica reinava sobre a formação moral e espiritual da juventude. Havia autores que eram exclusivos das editoras católicas<sup>4</sup>, exemplo das coleções de Alfred Mame, de Tours, Ardant, de Limoges e Mégard, de Rouen. Assumindo o função de entreposto comercial dessas casas, Baptiste-Louis revelava autores e livros ainda inéditos para o público brasileiro, mesmo sendo nomes consagrados na Europa. Ao lado das narrativas de viagem, de Gulliver e de todas as variações das Aventuras de Robson Crusoé, bem como das obras contando as maravilhas inventadas pela indústria moderna, a pedagogia da edição católica infantil apontava principalmente para a preocupação em oferecer às crianças brasileiras uma literatura já celebrada e consagrada entre as crianças da Europa. Obras de autores clássicos da literatura infantil e juvenil, na maioria reedições das fórmulas literárias de sucesso no século XVIII, como Berquin, Bernardin de Saint-Pierre, as Mme de Genlis, Le Prince de Beaumont, Guizot e Delafaye-Bréhier, até Cervantes, passaram a ser vendidas na livraria de Baptiste-Louis Garnier.

Os textos de práticas devotas encontram todo o sentido nos interiores europeizados das famílias burguesas e com algum verniz aristocrático. Os livreiros parisienses sabiam que os novos

---

<sup>4</sup> Sobre a edição católica na França e o monopólio da província nesse setor da produção no século XIX, consultar: Glénisson, Jean. *Le livre pour la jeunesse*. In: *Histoire de L'édition Française – les temps des éditeurs, du romantisme à la Belle Époque*. Sous la direction de Roger Chartier et Henri-Jean Martin. Fayard, / Cercle de la Librairie, 1990.

leitores americanos portavam em si a herança da tradição ibérica e que de há muito eram familiarizados com as obras cristãs, mesmo que, adultos, lessem e admirassem as cenas das brochuras eróticas e baratas. Só assim estaria resguardado o objetivo maior da casa parisiense - "tocar a alma latina", que, para o bem de nossa história, significou efetivamente a criação das condições monetárias para a publicação de escritores como José de Alencar e Machado de Assis, Gonçalves Dias e Olavo Bilac. Só assim estaria igualmente resguardado o retorno à moralidade pública, que tanto convinha à casa matriz. Como diz Jean-Yves Mollier (Mollier, 1988), não são nada nobres as origens da acumulação primitiva do capital, ainda que se tratando do comércio de livros.

## Da França para o Brasil: a loja do Rio de Janeiro e a administração de Paris

Em 24 de junho de 1844, Baptiste-Louis chegava no Rio de Janeiro, a bordo da galera *Stanislas*. De há muito o Brasil ocupava a imaginação dos franceses. Entre eles, havia grande disposição para aprender com as viagens e não menos para se entreter com a leitura de suas narrativas. Desde a crônica Jean de Lery<sup>5</sup>, passando pelos missionários jesuítas e pelos artistas, chegando aos contemporâneos Ferdinand Denis e Auguste de Saint-Hilaire e às mulheres de letras, como Julie Delafaye Bréhier, Victorine Monniot e Amélie Schoppe<sup>6</sup>, responsáveis pela entrada

---

<sup>5</sup> O protestante francês Jean de Léry (1534-1613) empreendeu uma viagem ao Brasil em meados do séc. XVI, no projeto de implantar uma France Antartique. Essa experiência que lhe valeu a escrita de uma primeira narrativa de viagem sobre o Brasil, *L'Histoire d'une Voyage fait en la terre du Brésil*.

<sup>6</sup> Das mulheres de letras que escreveram sobre o Brasil para leitores crianças e jovens, na França do século XIX, cito, respectivamente, as obras: *Portugais D'Amérique. Souvenirs Historiques de la guerre du Brésil en 1635, de 1847; Le Journal de Marguerite – Souvenirs d'enfance à l'île Bourbon (la Réunion 1835-*

da colonização americana como tema do livro juvenil, descrevendo-o ou simplesmente supondo-o, os franceses iam escrevendo o Brasil. Naturalizando-o pelo discurso da ciência ou representando-o na ficção romântica, os intelectuais europeus produziam textos, punham um país no processo de produção de imagens, imprimindo-as e publicando-as. Em suas narrativas, crença e desejo, medo e curiosidade revestiam as figuras dos selvagens habitantes dos trópicos, praticantes da antropofagia (o horripilante canibalismo, que tanto ocupava o medo infantil), objetos da ciência natural, outrora alvos da catequese religiosa e, agora, dos dispositivos morais da nova pedagogia. A compreensão dos costumes americanos como fato moral ocupava o centro dos debates científicos. Toda a força desse debate é demonstrada no sistema de divisão e classificação do mundo em reinos - animal, vegetal e mineral - operado por esse discurso e representado na escolha das obras para a composição das coleções para a juventude. Do lado da religião, não importava tanto a observação da prática litúrgica e sacramental, mas a difusão de uma cristianização da civilidade<sup>7</sup>. Ademais, a França revolucionária horrorizava-se ante a escravidão negra. Os irmãos Garnier deviam ter um conhecimento prévio desse país, antes de fazer a escolha e correr todos os riscos do negócio do livro na capital do vasto Império do Brasil, quase todo de analfabetos.

Baptiste-Louis abriu sua loja no número 69 da Rua do Ouvidor, onde permaneceu até 1878. Trabalhando intensamente, buscou a autonomia relativa dos irmãos em 1857, passando a

---

1845), de 1862; *Les Émigrants au Brésil*, de 1847. Essa última autora foi uma alemã traduzida e imitada na França.

<sup>7</sup> O termo "cristianização da civilidade", aqui, é utilizado no sentido da entrada das noções religiosas no ensino e aprendizado das regras de conduta moral. Mas ele também pode significar a rejeição da civilidade como polidez mundana em troca às homenagens rendidas a Deus. A esse respeito, consultar: Rouen, *le livre et l'enfant, 1700-1900, la production rouennaise de manuels et de livres pour l'enfance et la jeunesse*. Musée National de L'Éducation, 1993.

assinar as publicações com as indicações de B. L. Garnier. Embora nos catálogos de venda para esse mesmo ano e para o precedente, ainda inteiramente em francês, note-se a dependência em relação à casa matriz quando lemos o seguinte aviso ao leitor: "(...) fazemos notar que nossas colagens, sendo confeccionadas em Paris pelos mais hábeis artesãos, e sob os olhos e a vigilância de nossos irmãos, oferecemos as melhores garantias pela solidez, como pela elegância e o bom gosto"<sup>8</sup>.

O livreiro fazia questão de assinalar que sua loja era a mesma de Paris. Para os brasileiros fascinados pela França, essa tomada de posição era mais que conveniente à legitimidade de que se necessitava revestir os produtos da casa. As técnicas de colagem do papel (*reliure*) não apenas definiam a qualidade da impressão, mas principalmente influenciavam a escolha do leitor e o gosto pela obra. Se Baptiste-Louis conquistou uma autonomia relativa em relação a seus irmãos, a recíproca foi verdadeira. Em 1878, os Garnier de Paris adquiriram os fundos comerciais da livraria portuguesa e espanhola Hamonière oferecendo aos franceses um sortimento de dicionários bilíngües, gramáticas e manuais de conversação, além de romances, livros escolares e literários para crianças, todos em português. Dentre essas obras à disposição na livraria de Paris, situada na agora denominada "Rua dos Santos Padres", destaca-se uma assaz interessante Coleção aos Pedacos que, juntando Berquin com João de Barros, Fénelon com Freire de Andrada, ilustra bem a vocação internacional de Hippolyte Garnier. Essas obras do fundo Hamonière podiam ser enviadas da França para o Brasil já devidamente traduzidas para o português. Note-se que, na folha de rosto desses livros, fora suprimido o endereço brasileiro, constando apenas Livraria de Garnier Irmãos<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Tradução própria. Catalogue de la Librairie de B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 1858.

<sup>9</sup> Catálogo de venda com notícias de livros infantis anexas ao livro Paulo e Virgínia, de Bernardim de Saint-Pierre. Paris, Livraria de Garnier Irmãos, 1878.

Ademais, o Rio de Janeiro era a sede de uma corte que sempre mantivera relações culturais bastante próximas com a França. Atestam-no os livreiros Aillaud e Guillard, que, em 1866, assinavam seus catálogos de livros portugueses vendidos em Paris como "livreiros de suas majestades o Imperador do Brasil e El Rei de Portugal"<sup>10</sup>.

No Rio de Janeiro, Baptiste-Louis foi durante muito tempo alvo de intrigas veiculadas nos jornais por imprimir suas publicações nas tipografias utilizadas por seus irmãos, onde mantinha revisores para as provas em português (Hallewell, 1985). Essa escolha teve motivação comercial. Com uma indústria gráfica incipiente, no Brasil, os livros tinham que ser impressos nas tipografias dos jornais. Apenas em 1873, Baptiste-Louis mandou vir da Europa material de composição e máquinas mais aperfeiçoadas. Contando com o trabalho de Charles Berry, pôde ter sua própria tipografia, a Typografia Franco-Americana. Segundo Hallewell, a livraria Garnier do Rio de Janeiro possuía um corpo de revisores técnicos altamente qualificado. Resta saber se os irmãos franceses, já tendo, a essa altura, acumulado uma grande fortuna imobiliária, enviavam alguma soma em dinheiro para auxiliar as atividades do mais moço, no Rio de Janeiro.

Até chegar ao livro brasileiro e conectar-se, de fato, à lógica comercial e industrial que regia o negócio de seus irmãos em Paris, foi necessário a Baptiste-Louis muito trabalho de tradução e adaptação, destacando-se o estabelecimento de relações com os intelectuais portugueses, como Manuel Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Teófilo Braga, formando vínculos entre o Brasil, a França e Portugal. No Rio, destacavam-se como tradutores, literatos e jornalistas importantes como Salvador de Mendonça, Fernando Reis, Jacinto Cardoso e Ramiz Galvão. Cada edição tinha um preço fixo, o Garnier não admitia abatimentos, o que

---

<sup>10</sup> Catálogo de venda dos livros portugueses, latinos, franceses, da Casa da V. J. P. Aillaud, Guillard e Cia. 1866.

talvez explique a compra de todos os direitos de publicação dos manuscritos dos escritores com os quais firmava contrato.

A saúde de Baptiste-Louis não sobreviveu à passagem do século. O Garnier falece no dia primeiro de outubro de 1893. Sua livraria tinha o mesmo funcionamento das academias literárias - palco de sociabilidade com poderes de reconhecimento, celebração e consagração de todo escritor aspirante à glória. A partir de 1900, passa a ser local para as reuniões dos mais festejados homens de letras, que na nova loja, cultuam a exibição como valor agregado à sensibilidade e ao gênio. Tudo agora marcado pelas cores e alegrias *bellepoqueanas*, fundando uma sociabilidade tão mais livre quanto superficial, longe do ranço aristocrático característico aos tempos do velho Baptiste-Louis. Hippolyte substitui o irmão mais novo no comando dos negócios, voltando a casa a ser filial da Garnier Frères, de Paris. Hippolyte, que jamais veio ao Brasil, decide enviar um gerente francês para a administração da loja, prática seguida por seu sucessor e sobrinho Auguste-Pierre. Julian Lausac, o gerente, cujo trabalho com livros era devido a Jacinto Silva, falava mal o português, mas foi responsável pela inauguração do novo prédio da livraria, em 1900. Hippolyte falece em 1911 aos 85 anos de idade e Lansac se demora apenas dois anos no Brasil. Auguste-Pierre, o sucessor da matriz francesa, destaca-se por fundar importantes revistas literárias e por publicar numerosos poemas de inspiração católica. Ao Rio de Janeiro, envia Emile Izard.

Como momentos marcantes da política editorial de Hippolyte destacam-se o sucesso e tradução de *Canaã*, romance de Graça Aranha, em 1902, com sucessivas edições, a tradução para o francês e o espanhol das obras de Machado de Assis, do famoso livro *Porque Eu Me Ufano de Meu País*, do Conde de Afonso Celso. Hippolyte Garnier foi grande difusor da literatura hispano-americana por todo o mundo. Em 1900, a livraria espanhola Garnier Hermanos em Paris era considerada a melhor em obras nessa língua.

A última fase da livraria Garnier no Brasil, que vai dos anos de 1920 até 1934, assinala a prática da reedição de clássicos da literatura, nacional e estrangeira, em coleções de um mesmo autor, estratégia para a ampliação das vendas face à perda de prestígio da cultura francesa. Essa decisão pode igualmente demonstrar as dificuldades financeiras da matriz, uma vez que tendo caído em domínio público não se necessita mais pagar os direitos de um autor. A livraria Garnier do Rio de Janeiro fecha suas portas em 1934, não resistindo à chegada do jovem livreiro José Olympio, vindo de São Paulo e que também se lança no negócio da importação e tradução de livros. Os fundos da casa francesa no Rio de Janeiro são vendidos a Ferdinand Briquet.

## **Ordenar e classificar: as Bibliotecas Juvenis no catálogo de vendas da Livraria Garnier**

A ordem interna a um catálogo de venda de livros deve ser interpretada não apenas como o resultado das decisões e escolhas do que vale a pena ser comercializado. Definir e organizar coleções é, antes de tudo, uma operação difusora e transmissora de sistemas de representação, classificação e divisão do mundo que visam a interferir diretamente nas disposições do público leitor<sup>11</sup>. Organizar livros em coleções é um modo de estabelecer hierarquias, aproximações e diferenças. Por isso, as estratégias dos livreiros não podem prescindir das expectativas, reais ou supostas, de seus leitores. As coleções supõem modos de apropriação que, por sua vez, são relativos às comunidades de interpretação. Essas comunidades distinguem-se, entre outras propriedades, por certas categorias de percepção do mundo social. Trata-se do estabelecimento de uma relação negociada entre o profissional do

---

<sup>11</sup> A categoria "sistema de representação do mundo social" é de autoria do sociólogo Pierre Bourdieu. Dele, consultar: *La distanction. Critique sociale du jugement*. Les Éditions de Minuit, 1979.

livro e o leitor, adulto e criança, que firma um pacto de credibilidade e confiança mútua intermediado pela compra e leitura do livro. Os irmãos Garnier sabiam o que oferecer ao seu público. Para as crianças e jovens brasileiros, apostaram na longevidade dos clássicos da literatura francesa e européia, grande parte reedições de obras do século XVIII e da primeira metade do século XIX, que compravam das mais prestigiadas casas do ramo, como a de Eugene Ardant, de Limoge e a de Alfred Mame, de Tours. Assim como dos parisienses Lehuby e Didier. Como esses editores não possuíam pontos de venda na América Latina, certamente faziam bom negócio com os irmãos Garnier. Afinal, as representações européias que distinguiam os povos americanos do sul não estavam reduzidas ao temor à prática do canibalismo, principalmente em um país como o Brasil, que enchia os olhos dos franceses com imagens de ouro, prata e diamantes.

Ordenar e classificar estão na base da formação das Bibliotecas infantis e juvenis. Principalmente devido à sua função maior de agir nas disposições, na formação do *habitus*, oferecendo a toda a família modelos de escrita, princípios para a educação doméstica e para a observação da piedade religiosa. Sendo assim, no catálogo de venda da livraria de Baptiste-Louis Garnier de n. 14, denominado "*Livre Classique, D'instruction Publique, D'éducation et Livres Illustrés Pour La Jeunesse*"<sup>12</sup>- *En Français, Allemand, Anglais, Espagnol, Grec, Italien Et Latin*"<sup>13</sup>, e anunciado para o ano de 1858, estavam representadas as principais correntes e doutrinas do pensamento francês do século XIX – a moral em ação, a ciência natural e a piedade religiosa. Inteiramente em francês, as obras foram organizadas pela ordem alfabética dos nomes de seus autores. Logo ao primeiro contato, fica claro um

---

<sup>12</sup> É interessante notar que a indicação *Pour la Jeunesse* pode contemplar obras destinadas tanto às crianças quanto aos jovens, que são os adolescentes.

<sup>13</sup> Tomamos para análise somente a lista de livros da tradição literária francesa e que partiram para o Brasil, visto que os livros nos outros idiomas eram basicamente escolares, manuais, dicionários, gramáticas, etc.



sistema de representação construído em torno da legitimidade das obras, que, acima de tudo, ilustra lutas de classificação na escolha dos livreiros responsáveis. Na ordem desse catálogo havia duas grandes séries de representações. A primeira, formada por textos que professavam, ainda que literariamente, instruções morais, ou a interiorização das regras de um catolicismo que se pretendia racional; uma outra, de textos que divulgavam os prodígios e descobertas da ciência natural, e que partiam de autores e narrativas que professavam o cristianismo reformado. Na primeira série, podemos incluir a *Revue Catholique de La Jeunesse*, um compêndio sobre religião, educação, instrução e recreação. Essas obras católicas tinham o distintivo de serem aprovadas pelos comitês eclesiásticos de leitura, verdadeiros tribunais de censura e, por conseguinte, de controle da leitura, aos quais os editores precisavam submeter-se. Na segunda, pode-se incluir tanto o clássico de Mme. Guizot, *Lettres de famille sur l'éducation*, um romance epistolar de inspiração rousseauiana e que versa sobre as virtudes naturais da educação infantil, quanto o curioso título *La Nature et ses Productions, ou Entretiens sur L'histoire Naturelle*, que igualmente mostra todas as influências do "homem natural". Ambos os modelos realçam as preocupações adultas em colocar a "moral em ação", na leitura das crianças e jovens. Essa estratégia de agrupamento de livros ilustra uma lógica de produção textual, mas também o modo como as idéias européias eram apropriadas no Brasil de meados do século XIX.

Malgrado todo a empresa classificatória dos Garnier, uma obra como o romance histórico *Les Portugais d'Amérique - Souvenirs historique de la guerre du Brésil en 1635*, em que a autora, Julie Delafaye-Bréhier, aproveitando-se da narrativa da ocupação holandesa em Olinda, tece uma trama sobre as relações coloniais brasileiras, pondo em linguagem sistemas de referências próprios aos personagens colonos portugueses, índios americanos e escravos negros, pode não encontrar lugar determinado nesse sistema de representação posto em jogo no catálogo. Sua

complexidade deve-se à propagação para a juventude de princípios cristãos, tanto católicos como reformados.

Quando abrimos os catálogos de venda e passamos ao exame mais detalhado de seu *corpus*, logo percebemos alguns critérios que definem sua organização. O primeiro é repetir certas obras em outras coleções, talvez sinalizando prudência comercial - quais as garantias de que as crianças brasileiras iriam aderir, de pronto, aos livros franceses da Rua do Ouvidor? Acima de tudo, elas precisavam ser providas de famílias de elite e saber ler ou entender a audição no idioma de Berquin. Como lembra Jean Hébrard (2005), a transformação dos clássicos de uma "literatura semi-educativa" em literatura infantil só foi possível pelo recurso de sua cobertura em belas capas ilustradas, tornando-os bastante caro e, assim, destinando-os ao consumo dos filhos das famílias burguesas. Os Garnier deviam se perguntar: qual é o lugar exato para as Aventuras de Robson Crusóé, o clássico de Daniel De Foe, para os contos católicos de Schmid (o cônego), para os contos de Perrault ou o romance de Swift, as famosas Viagens de Gulliver? Esses livros junto aos nomes de seus autores também figuravam no catálogo de n. 11 - "*Romans Illustrés*". Um outro critério traduz-se no esforço dos responsáveis em propor uma divisão temática para a apresentação dos títulos. Mesmo que essa divisão não venha assinalada, nota-se a iniciativa em categorizar gêneros textuais, já tentando separar o que é considerado didático do que é literário, e, assim, esses livreiros franceses dão início ao longo processo de acumulação do patrimônio necessário à formação de um campo literário produtor destinado ao público infantil e juvenil. Afinal, seria preciso inventar uma tradição. Ainda do ponto de vista de sua organização interna, o documento mostra todo o sortimento de que dispunham os Garnier em seus fundos comerciais e as inúmeras possibilidades de negócios com outras casas editoras especializadas em bibliotecas infantis.

Constando de aproximadamente duzentos títulos, entre livros instrutivos e recreativos, álbuns ilustrados para as crianças, as obras que compõem o catálogo de vendas de n. 14 destacam-se,

sobretudo, pelo ecletismo e variedade. Essa última característica certamente revela toda o cuidado que os Garnier sabiam precisar manter em relação às práticas de consumo do novo público brasileiro, talvez pouco habituado à leitura.

Os livros dessa coleção podem ser divididos no seguinte agrupamento temático, com destaque para as obras mais representativas<sup>14</sup>:

1. Episódios históricos – *Beautés de l’histoire de France*, de Blanchard;
2. Clássicos da literatura, incluindo romances, contos, poesias e aventuras – *Don Quixotte de la Manche*, de Cervantes, *L’ami des enfants et des adolescents*, de Berquin, *Aventures de Robinson Crusóé*, de Foe, *Contes de Fées*, de Perrault;
3. Tratados literários de educação – *Lettres des famille sur l’éducation*, de Mme Guizot;
4. Narrativas de viagem, com enredos descritivos ou ficcionais – *Voyages de Gulliver*, de Swift, *Voyages en Zigzag*, de Topffer, *Voyage illustré dans les cinq parties du monde*, de Adolphe Joanne;
5. Literatura edificante, onde as lições de moral ganham o colorido da ficção – *Paul et Virginie*, de Bernardin de Saint Pierre;
6. Biblioteca de contos cristãos, mas que não se compõe de manuais de prática religiosa, catecismos, missais, livros de primeira comunhão – *Bibliothèque de la jeunesse chétienne*;

---

<sup>14</sup> Esse agrupamento já vem suposto no próprio título do catálogo de n. 14. Vale notar que mesmo com uma referência à instrução pública, na coleção não encontramos manuais didáticos.

7. Imitação dos clássicos, releituras e versões adaptados – *Le Robinson Suisse*, de Wyss, e *Le Robinson des sables du désert*, de Mirval;
8. Narrativas exemplares, biografias de personagens célebres ou anônimos – *Enfances Célèbres*, de Mme Louise Colet;
9. Fábulas – *Fables*, de La Fontaine;
10. Álbuns ilustrados ou livros para crianças – *Livres des petits enfants*.

Não havia uma preocupação em definir a infância e a juventude em classes de idades. Esses livros tanto eram destinados às crianças e jovens franceses quanto aos brasileiros, em uma clara estratégia de estabelecer entre essas duas comunidades um universo cultural comum. O objetivo revelado da oferta de livros franceses para jovens brasileiros poderia ser, além da já comentada intenção de "tocar a alma latina", a imposição de modelos de leitura que poderiam produzir muitos outros efeitos, como o enriquecimento da vida intelectual dos novos leitores, a formação de um gosto e de uma prática da escrita. Nas advertências e notícias bibliográficas assinaladas nesse catálogo sobressai a demanda dos livreiros à participação dos adultos intermediários, a exemplo do que ocorre com os títulos que versam sobre educação, muitas vezes dirigidos prioritariamente aos pais.

### **O catálogo de 1920: aposta na longevidade dos clássicos da literatura infantil e juvenil**

A organização do catálogo para o ano de 1920 insiste na durabilidade da coleção de livros da tradição literária européia, o que demonstra que a empresa dos irmãos Garnier para o novo público brasileiro portava um projeto intelectual que, certamente,

deu sua contribuição para a formação de uma cultura para a infância e a juventude.

Uma vez tendo conquistado a legitimidade para os clássicos que importavam e vendiam desde meados do século XIX até bem entrado o século XX e, em consequência, preservado um capital literário, os Garnier do Brasil passam a investir no trabalho de tradução. Não sabemos ao certo quando publicaram as primeiras versões para o português de tão charmoso repertório de livros. Mas, uma questão de ordem estilística se impõe à família: como enfrentar o "envelhecimento do estilo" de obras com um século ou mais de existência? De que modo perpetuar o gosto do leitor, tornando esses títulos perenes e, portanto, sempre atuais? De Paris, os Garnier respondem: intervindo no texto, adaptando-o ao gosto do momento, reescrevendo-o, se necessário. Quer dizer, quando os livreiros passam a reeditar o livro juvenil aproveitam para se iniciar em um trabalho de adaptação dos textos. Na nota de advertência ao livro de Mme de Genlis, *Le Veillées du Chateau*, de 1880, os Garnier franceses declaram terem feito desaparecer os "detalhes inúteis", as imperfeições do que entendem ser um "labirinto de conversação", recursos típicos de uma literatura de feição romântica. Suprimir, corrigir, adicionar passagens aos textos que recebem, são as novas funções dos irmãos livreiros-editores. Dizem ainda terem feito as mudanças com reserva, sem tocar na estrutura da obra.

Talvez essa tenha sido a mesma orientação seguida pelos gerentes responsáveis pela livraria-editora do Rio de Janeiro. No Catálogo Geral da Livraria Garnier para o ano de 1920, há cinco coleções literárias: 1. Álbuns Infantis com gravuras coloridas; 2. Álbuns e livros para prêmios; 3. Biblioteca Infantil; 4. Contos de Schmid; e, 5. Biblioteca da Juventude. São compostas basicamente dos mesmos títulos que já figuravam no acervo da casa do século precedente. As notícias que acompanhavam as obras continuavam trazendo indicações para uma aplicação moral das narrativas pontuadas pelas condutas exemplares de seus personagens. Inteiramente em português, neste catálogo,

destacam-se algumas traduções dos clássicos franceses feitas por Pinheiro Chagas, Teófilo Braga e Ramiz Galvão. Os dois primeiros traduziram as Fábulas de La Fontaine, cabendo ao terceiro a tradução da Novena da Candelária, de autoria de Charles Nodier. Encontra-se, todavia, traduções levadas a cabo por autores franceses, como os Contos de Fadas, de Perrault e Mme D'Aulnoy, por um certo J. J. A. Burgain, revelando ainda as relações com a casa Matriz.

Dentre os autores publicados pela Garnier, o mais traduzido no Brasil foi o alemão Christophe Schmid. Nos anais de nossa literatura infantil, esse autor mereceu toda uma coleção de livros com seu nome. Desde o século XIX, tornara-se famoso e popular com suas pequenas histórias exemplares. Schmid foi padre-professor, eclesiástico e fundador de uma república católica e internacional das letrinhas. Seus personagens eram crianças virtuosas, em boa parte órfãs e filhas devotas que viviam aventuras inspiradas em passagens da Bíblia. Mas o Cônego Schmid, como ficou conhecido, foi, antes de tudo, homem de responsabilidades políticas. Nascido na Baviera alemã, em 15 de agosto de 1768, antes da revolução francesa, fora autêntico representante dos valores morais do antigo regime. Em 1801, inicia sua carreira literária, escrevendo aos jovens. Na França, suas obras passam a circular a partir de 1820, logrando lugar de honra na duração da produção editorial. São incluídas nas coleções de formação moral e nas bibliotecas cristãs por todo o século XIX.

Como professor de teologia, desde cedo, Christophe Schmid combateu a favor do catolicismo, fazendo face às idéias do cristianismo reformado. Talvez por esse motivo tenha permanecido nos catálogos da família Garnier do Brasil. Sua coleção mantinha estreito relacionamento com o repertório de títulos religiosos. De tão populares e aceitos, os Contos do Cônego se pretendiam substitutos realistas dos Contos de Charles Perrault, tidos, pelos defensores de um catolicismo racional, como demasiado fantasiosos.

Como narrador, Schmid assumia a voz de um pai de família. Suas coleções destinavam-se às bibliotecas domésticas, suportes da educação de formação religiosa, e eram indicados para a leitura tanto dos adultos como das crianças.

Em 1865, Baptiste-Louis Garnier oferece uma segunda edição brasileira da tradução dos Contos do Cônego, em um livro síntese com suas melhores histórias morais, conselhos e lições destinados às futuras gerações. Em 1920, encontramos no catálogo Garnier não mais um livro-compilação, sim toda uma coleção dos principais contos: Ovos de Páscoa; Henrique D'Eichenfels; Rosa de Tannenburg; Capella da Floresta; O Cestinho de Flores; A Cruz de madeira; O Carneirinho; A Rola; Genoveva de Brabant. Por trás da aparente dispersão dos títulos há princípios bem definidos, que visam a unificar a coleção: o tamanho e formato dos volumes, bem como a moralidade cristã das histórias.

Assim como na história literária francesa, a crítica textual brasileira continua insistindo no caráter disciplinar dessas obras que compõem a primeira fase da produção destinada às crianças e jovens. Restam, porém, algumas questões: por que esses livros foram, por longos anos, tão reeditados? Por que foram importados, traduzidos e adaptados? Enfim, quais as razões de seu reiterado sucesso?

Talvez a resposta possa ser encontrada, como sugere Françoise Huguet (1997), na história cultural da infância e da literatura. Daí, a importância de se ir além da crítica textual e partir do estudo das configurações culturais nas quais se produzem e transmitem os livros, sobretudo para compreender a lógica das importações e traduções. Essa lógica expressa na organização interna das Bibliotecas - coleções de livros - dos primeiros catálogos de venda da livraria Garnier foi decisiva para a formação e autonomia da literatura infantil e juvenil brasileira. Nosso nacionalismo literário não esteve alheio ao movimento das trocas culturais, como a circulação internacional, as importações, traduções e adaptações de textos clássicos.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. *La distanction. Critique sociale du jugement*. Les Éditions de Minuit, 1979.

*Catalogues de la Librairie de B. L. Garnier*, Rio de Janeiro, 1857, 1858, 1920. Bibliothèque Nationale de France.

*Catalogue. Rouen, livre et l'enfant, 1700-1900, la production rouennaise de manuels et de livres pour l'enfance et la jeunesse*. Musée National de L'Éducation, 1993.

*Catálogo de vendas da livraria de Garnier Irmãos*, 1878. Bibliothèque Nationale de France.

*Catálogo de vendas dos livros portugueses, latinos e franceses da Casa de V. J. P. Aillaud, Guillard e Cia*, 1866. Bibliothèque Nationale de France.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil; sua história*. São Paulo, T. A Queiroz, 1985

HÉBRARD, Jean. *Como a biblioteca chegou à escola: evolução das políticas de leitura na França do século XX*. INRP (Serviço de História da Educação) e C.N.R.S, Paris, 2005.

HUGUET, Françoise. *Les livres pour l'enfance et la jeunesse de Gutenberg à Guizot – les collections de la Bibliothèque de L'institut National de Recherche Pédagogique*. Avec la participation d'Isabelle Havelange. Paris, 1977.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura. Leis e números por detrás das letras*. São Paulo, Ática, 2001.

MOLLIER, Jean-Yves. *La construction du système éditorial français et son expansion dans le monde du XVIIIe au XXe siècle*. In: *Les mutations du livre et de l'éditions dans de monde du XVIIIe siècle à l'an 2000. Actes du Colloque International*. Sherbrooke, 2000. Sous la direction de Jacques Michon et Jean-Yves Mollier.



MOLLIER, Jean-Yves. *Les mutations de l'espace éditorial français du XVIIIe au XIXe siècle*. In: *Éditions, Éditeur (1)*. Actes de la recherche en Sciences Sociales – 126 – 127 – mars, 1999.

MOLLIER, Jean-Yves. *L'argent et les lettres – histoire du capitalisme d'édition (1880-1920)*. Fayard, 1998.

PAINET, Elisabeth. *Une histoire de l'édition à l'époque contemporaine. XIXe – XXe siècle*. Paris, Éditions du Seuil, 2004

*Portraits de Libraires – La famille des Garnier. Extrait du Bulletin de L'Association. H. C. Libraire-expert du Tribunal de la Seine*. Paris, impr. A. Fleury, 1913.

**Andréa Borges Leão** é doutora em Sociologia, professora do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Este artigo resulta da pesquisa de seu estágio pós-doutoral em História Cultural na École des Hautes Études en Sciences Sociales – Paris. E-mail: [dealeao@secrel.com.br](mailto:dealeao@secrel.com.br)

Recebido em: 20/11/2006

Aceito em: 15/03/2007